

Especial “Parlamento Jovem 2009”



A Escola Secundária de Caldas das Taipas foi, pelo segundo ano consecutivo, representada na Assembleia da República, em Lisboa, no âmbito do Projecto “Parlamento dos Jovens”.

Este projecto de carácter nacional contou com participação de mais de 300 escolas a nível escolar, das quais 63 estiveram representadas em Lisboa. Foram à AR representantes oriundos de todo território nacional, bem como escolas representantes da cultura portuguesa na Suíça e em Macau, num total de 128 jovens deputados.

Os trabalhos estavam subordinados a um tema pertinente e actual, “Participação Cívica dos Jovens”.

José Marques, aluno da ESCT

O projecto Parlamento Jovens, promovido pelo IPJ com a colaboração da Assembleia da República, decorreu nos dias 25 e 26 de Maio deste ano 2009. Os representantes da ESCT partiram das Caldas das Taipas volta das 7 horas da manhã para a escola Externato Infante D. Henrique. De lá foram de camioneta, juntamente com todos os participantes do Círculo de Braga, numa viagem que viria a tornar este início de semana numa experiência enriquecedora.

À semelhança de anos anteriores, a delegação de cada Escola teve os seguintes participantes:

- dois deputados efectivos (Luís Filipe Coelho e Júlio Freitas da Silva foram os representantes da ESCT)
- um Professor responsável (Professor Carlos Justo para a ESCT)
- um jornalista, responsável por dirigir uma reportagem para o jornal da respectiva escola

A ESCT contou ainda com a participação da deputada



Maria de Fátima Marques da Silva, que teve assento não junto dos deputados mas sim na Mesa da Sessão Nacional, desempenhando a função de Secretária.

1º dia

Neste primeiro dia, os trabalhos de todos os deputados foi dividido em quatro grupos de trabalho, as comissões.

Além das cinco medidas de recomendação, cada Comissão formulou três perguntas, as quais seriam dirigidas aos representantes de vários partidos.

Terminada a referida ordem de trabalhos por comissões, seguiu-se a actuação do grupo “Jovens Vozes de Lisboa”, na Sala do Senado. Este Programa Cultural cativou e entusiasmou toda a plateia, com as suas delicadas e juvenis vozes. A actuação começou por uma vertente clássica com um magnífico recital de ópera, seguido de um estilo mais moderno, no qual se deu um tributo à consagrada banda dos anos 70, ABBA. Fizeram parte desta última parte da actuação destas.

Conferência de imprensa

Enquanto decorria, em paralelo na Sala do Senado, a Sessão Plenária do PJ, eram duas da tarde e estavam os jornalistas reunidos, na Sala dos Passos Perdidos, assim se chamava o local onde se esperava a conferência de imprensa. Uns sentados, outros de pé, e perguntei eu a uma colega jornalista se o protagonista da Conferência iria demorar muito. Pouco depois, e agora sim, chega à sala o senhor presidente da CEC.

“Olá a todos! Está tudo bem?” perguntou gentilmente o senhor presidente, e um dos jornalistas logo respondeu, “Estaríamos melhor se tivéssemos mais tempo de almoço...”. “Eu percebo, mas olha sabes o que foi o meu almoço? Foi um galão e uma sandes”. Para ver que nem tudo é mau como parece. E assim foi o início da conferência sobre Educação em geral.

A torrente de perguntas começou por uma questão desde logo pertinente, “Os políticos auscultam as vontades dos alunos?” A resposta foi bastante esclarecedora. O senhor presidente foi claro em dizer que o ponto de contacto de maior importância entre os alunos e os políticos são as Associações de Estudantes, pois estas podem comunicar directamente com a Comitativa Nacional Educativa. Contudo, e este facto é relevante, as AE do ensino secundário não têm representação nacional, ao contrário das AEs do Ensino Superior. Na reunião em que foram discutidas temáticas como a reforma do estatuto do aluno, os alunos do secundário não puderam, através de nenhuma AE representante, debater e participar na criação de uma nova política.

Ainda em relação ao novo estatuto do aluno, o senhor presidente realçou e bem a ideia de que “o aluno deve andar na escola por prazer, pelo prazer de aprender”, onde procure o conhecimento por vontade própria e se sinta motivado a estudar. “A escola é um sítio onde se está e não onde se vai”, disse de forma segura o presidente da comissão.

“A que se deve o desinteresse dos jovens na Política?”, perguntou um jornalista, e a resposta foi imediata, “Porque há políticos que não cumprem “promessas””.

“E o CNO, acha que é justo alguém tirar o 9º ou o 12º ano em alguns meses, enquanto os alunos do sistema nor-

mal de ensino passaram 9 ou 12 anos para acabar o ensino básico e secundário?”, inquiriu uma colega minha, Francisca, jornalista do Círculo de Braga. O senhor presidente ponderou a resposta, sabendo desde logo que a pergunta fora feita num sentido apontado que não coincide com o sentido para o qual as Novas Oportunidades foram criadas. O senhor presidente Seguro não disse que era justo nem injusto, mas procurou que todos os presentes entendessem que os CNOs (Centros de Novas Oportunidades) têm como objectivo certificar competências que alguns adultos adquirem ao longo da sua experiência de vida, para que haja uma maior justiça e “igualdade de oportunidades”.

Um dos jornalistas lembrou a situação referida pela deputada Manuela de Melo na Sessão Plenária, “O que pensa sobre o facto de a melhor aluna ser de ascendência russa?”, e a resposta foi simples, “O que me preocupa não são os melhores alunos, para mim o importante é entender porque é que há alunos que não conseguiram atingir os objectivos, e tentar perceber o que se pode fazer para que também esses atinjam os objectivos da escola, aprender”. E neste momento, foi a minha oportunidade de interpelar o senhor presidente, “Mas senhor presidente, e se a pergunta for feita de outra forma: Será que o facto de alunos estrangeiros terem melhores notas que os portugueses significa que o que está mal não é o sistema de ensino mas sim a atitude e método dos alunos portugueses?”. “Em primeiro lugar, se tu fosses a um país, à Ucrânia por exemplo, e chegasses lá e te chamassem estrangeiro não gostavas pois não?”, e foi assim que o senhor presidente mostrou que devemos olhar os outros com olhos que não os discriminem pela nacionalidade. “Quanto à tua questão, não podemos admitir que alunos de outras culturas sejam melhores porque: são poucos os casos para admitir que haja uma evidência científica. Por outro lado, é possível que os alunos “estrangeiros” se sintam uma maior necessidade de tirar boas notas porque têm os pais a trabalhar”, e porque a exigência é muito alta. Como disse um conhecido filósofo, Agostinho da Silva, “A escola é [ou deveria ser] um sítio onde se poderia ir 24 horas por dia, 7 dias por semana, 356 dias por ano, onde pergunto o que não sei e converso com

2º Dia

Convém não esquecer a mensagem do Vice-Presidente da Assembleia da República Manuel Alegre, Na abertura da Sessão Plenária.

“No meu tempo de escola, ainda antes do 25 de Abril existia a guerra colonial, existia a censura e a opressão do povo. Hoje as guerras são outras. Há novas guerras que se apresentam aos jovens”. Entenda-se com isto que os jovens têm maior liberdade, mas têm de enfrentar novas situações, têm de lutar pelo seu emprego, porque os seus pais tinham um emprego e uma profissão para a vida, mas hoje nada garante que os jovens tenham sequer a mesma profissão, tendo por isso empregos em diversas áreas e locais.

Em jeito de conclusão, Manuel Alegre deixou a todos os jovens deputados um bom conselho, “Sejam inconformistas, usem na vossa vida!”.

Às 10 horas e 35 minutos, deu-se seguimento à Sessão Nacional, iniciando-se o período mais fecundo da sessão, uma vez que neste período os participantes tiveram a oportunidade de contactar directamente com alguns membros da AR de Portugal, o Período de Perguntas. Seguem-se algumas citações dos senhores deputados, proferidas no Período de Perguntas:

Fica aqui registado o portal www.parlamento.pt, onde todos podem tomar conhecimento das mais variadas matérias da AR, notícias, projectos e as discussões que estão em cima da mesa em debate nas comissões.

A Sessão Plenária foi encerrada solenemente pelo senhor António José Seguro, presidente da Comissão de Educação e Ciência.

As Recomendações aprovadas na Sessão Nacional do PJ estão acessíveis em http://app.parlamento.pt/webjovem2009/documentos/Recomendacao_aprovada_secundario.pdf.

os outros”.

Gostei principalmente deste momento da conferência, em que o senhor presidente demonstrou toda a sua humanidade. “Ser professor é... ser um amigo com mais conhecimentos e que os quer transmitir aos seus amigos que querem aprender”. O senhor presidente deu um exemplo bem elucidativo. “Eu sou professor na universidade, e quando estou na sala e vejo que algum aluno não está a acompanhar a aula, chamo-o à atenção uma vez. Se ele não mudar a sua atitude, chamo-o uma segunda vez, uma terceira, e se for preciso uma quarta, tantas até conseguir que todos os alunos consigam atingir os objectivos da aula”.

É verdade que há muitas coisas para resolver, mas “já abandonei a ideia de que uma solução para um problema tem que ser aplicada de forma igual em todo o país”. Ou seja, deve-se procurar soluções contextualizadas com toda a ambiência que rodeia as situações-problema. Uma solução pode funcionar numa zona do país, como é o caso da “Turma Mais” numa escola do Alentejo, mas nada garante que essa solução tenha sucesso para problemas semelhantes noutros contextos. Acrescentou ainda que “O que não é possível está realizado”, como quem diz o que não tem remédio remediado está.

“Há duas maneiras de estar na vida: podemos ficar no sofá e dizer “olha isto mal”; ou, por outro lado, fazer por mudar”, procurar combater a inércia e agir sobre o mundo, exercendo de forma verdadeira a democracia e política.

Em jeito de conclusão, o senhor presidente do CEC deixou bem claro, “os portugueses têm a auto-estima muito em baixo [uma vez que não valorizam o que é nacional, mesmo quando os de fora elogiam o que é nosso] (...) quando deveríamos ter orgulho naquilo que fazemos”.



À conversa nos corredores do Palácio S. Bento

O episódio a seguir relatado aconteceu no final do período de perguntas. Enquanto a Sessão Nacional continuava com o programa, os senhores deputados abandonaram a Sala do Senado, e foi nos corredores que tive a magnífica oportunidade de interpelar algumas figuras públicas, como foi o caso do senhor deputado Fernando Antunes. A incentivo do professor Justo, que dirigiu uma primeira palavra ao senhor deputado, ocasionou-se, assim, uma conversa informal que me viria a ensinar muito!



“Boa tarde! Será que lhe podia fazer umas perguntas?”, “Com certeza que sim!”, disse logo Fernando Antunes. As perguntas mais relevantes de todo o enredo que aquela conversa gerou são seguidas apresentadas.

NOTA: novamente, as seguintes sequências pergunta-resposta foram reproduzidas mediante apontamentos do jornalista, pelo recurso à memória e à compreensão do jornalista entrevistador, pelo que as respostas aqui redigidas, cujo sentido se pretende fidedigno ao que foi dito, podem não corresponder exactamente às palavras pronunciadas pelos deputados.

José Marques: “De que forma um país como Portugal beneficia com a entrada na UE?”

Fernando Antunes: Como é evidente, integrar uma comunidade onde haja cooperação é bom para Portugal. Estabelece-se uma maior comunicação internacional numa colectividade, a UE, que começou por se chamar Comunidade Europeia do Carvão e do Aço. Ou seja, a primeira relação que se estabeleceu entre os países membros foi uma ligação económica e de comércio. Hoje vemos que a união evoluiu no sentido de haver um elo não só económico, mas também uma comunicação política e social, em que são criadas leis comuns. Foto E

JM: “É verdade. Mas, por outro lado, podemos admitir que seja implicativo, numa união, criar uma interdependência entre os países membros? Lembrando exemplos como a aplicação da Política Agrícola Comum.”

FA: Bem, é natural que haja uma cooperação entre os países. Mas de facto Portugal sofreu graves consequências que advieram da PAC. E nestes termos, os agricultores eram pagos para arrancar as vinhas, uma vez que alguns deles ganhavam mais dinheiro a arrancar do que a vender o seu produto! “E porque é que Portugal perdeu com isto? Porque políticas como estas degradam as zonas de cultivo que Portugal e fazem com que as pessoas abandonem as zonas de cultivo, uma vez que não podem cultivar”. Estas zonas, que deveriam ser perspectivadas como uma fonte de alimento e riqueza, são marcas de uma política agressiva para a agricultura. Com tudo isto, há o abandono das zonas interiores.

JM: “Agora tocou num ponto muito importante. O que pensa de uma luta contra esse abandono? E mais, não seria benéfico promover a desfocalização dos centros económicos? Investir no desenvolvimento regional para que Portugal deixasse de ser apenas Lisboa e Porto... O desenvolvimento, por exemplo, de Bragança, Portalegre, Guarda, etc, significaria um Portugal mais equilibrado, onde as coisas não aconteciam só em duas cidades à beira mar.”

FA: “Sabes que Portugal é dos países mais pequenos da Europa, mas é dos que tem maiores contrastes dentro

do seu território”. E é verdade, como dizes, que “há quem pense que Portugal é Lisboa e Porto, e o resto é paisagem”. Acho que se devia incentivar a fixação das populações nas zonas que actualmente são vítimas do êxodo rural e envelhecimento da população. “Os jovens fogem” para as cidades.

A regionalização seria um passo importante para Portugal. Ao promover a fixação da população jovem em nas referidas áreas, criando emprego, infra-estruturas e serviços [uma vez que há zonas sem hospitais sequer], e teria uma grande vantagem além das que falámos aqui. [“Qual?”, perguntei eu] Promover a fixação das populações iria evitar a saturação dos centros urbanos, ou seja, iria minimizar problemas como atitudes de revolta, como o vandalismo, drogas ou a criminalidade. Além disso, seria, porventura, minimizada a questão do desemprego.

JM: “E posso fazer ainda uma última pergunta, esta relativa à Europa? [Com certeza] Qual será a dimensão e impacto da entrada da Turquia na União Europeia?”

FA: Ao longo dos anos, desde a criação da Comunidade Europeia do Aço, em 1951, que vários países têm entrado na comunidade. Claro que se pensarmos qual a vantagem da entrada de países pobres e com projectos de desenvolvimento, diríamos que os mais desenvolvidos teriam de suportar economicamente os mais pobres, mas as trocas comerciais dentro dos estados-membros equilibra a situação. Porém, actualmente a UE assenta muito em políticas unificadoras, como é o caso da moeda única.

O caso da Turquia é delicado, uma vez que representa

um choque de culturas e religiões. A Turquia tem vindo a adaptar a sua organização interna em função da sua entrada, e, muito importante, a instauração de uma Democracia na Turquia é um trampolim para as culturas islâmicas. A Turquia funcionaria como um excelente ponto de contacto com o mundo oriental, e a União tem muito a ganhar com o diálogo intercultural.

[Antes de serem admitidos à UE, os países que pretendam integrar a união passam por um período de avaliação e adaptação política. Portugal esteve vários anos em adaptação e em estudo, e só vários anos depois é que efectivamente entrou na comunidade].

No turbilhão de ideias que pairavam no ar ouvi por acaso a senhora deputada Manuela Melo afirmar com toda a convicção “a minha liberdade é uma luta comigo própria”, uma luta contra a estagnação. Em todos os dias das nossas vidas teremos a liberdade por incerta, na medida em que pode ser abafada por um sem número de factores. E a senhora deputada continuou, “a maior herança que os nossos pais nos podem dar é o direito ao conhecimento”. Ninguém herda o conhecimento, pelo que conhecer é uma busca constante e uma adaptação a novas situações.

Como nota final, Manuela Melo deu a sua opinião, “as mudanças não devem provocar medo antes de acontecerem”.

E foi desta forma que Manuela Melo incentivou os jovens a terem uma atitude aventureira no vasto universo da política, assim como no Mundo.



ESPAÇO DE AUTO-CRÍTICA:

Um olhar para dentro antes de olhar para fora...

Gostaria, neste espaço, de incitar o leitor e os deputados participantes no PJ a olharem de um outro prisma a experiência dos dias 25 e 26 de Maio em Lisboa.

Em primeiro lugar, tenho a dizer que não penso que seja grande qualidade a arrogância. Sim, a arrogância, no sentido “eu é que sou bom, e sei fazer isto”. E infelizmente, para mim que não gosto de ver isso, vi muito disso enquanto estive na AR. Além disso, é bom que os jovens, e todas as pessoas em geral, não falem de assuntos sobre os quais não estão devidamente informados e, como disse Descartes, é daí que nasce o erro. Além disso, mais que falar eloquentemente, o orador deve fazer-se perceber para que inflame as vontades e opiniões dos ouvintes.

O PE é uma excelente iniciativa para promover o interesse político nos jovens, porque há o contacto directo com uma atmosfera democrática. No ano transacto participei como deputado na Sessão Nacional e gostei da experiência, mas este ano, enquanto jornalista tirei ou-

tro proveito do projecto PJ. Foi como jornalista que tive a oportunidade de conversar com vários deputados, pessoalmente e de forma sincera. Senti-me à vontade e gostei disso. Em vez de ter um tempo contado, um lugar certo, tive a oportunidade de falar mais naturalmente. Enquanto os senhores deputados se levantavam e sentavam para votar, eu ouvia algum ilustre deputado (oficial, digamos) e aprendia matérias, algumas delas lições de vida.

Nota Final: sou um jornalista que não está na área de história, jornalismo ou sequer em comunicação; os meus instrumentos de trabalhos eram apenas um bloco de notas e uma máquina para registo fotográfico; Todas as fotos incluídas nesta reportagem são da autoria do repórter, com excepção dos logótipos, apresentados na primeira página, do PJ e do Tema do PJ 2009.

Caldas das Taipas, 31 de Maio de 2009
José Marques